



Major Cláudio Moreira Bento

Reconstituição de artigo de original que apresentou falhas de digitalização que deram grande trabalho para restaurá-las

**DIARIO POPULAR . PELOTAS, DOMINGO, 13 DE MARÇO DE 1970
1780-CHARQUEADAS DE PELOTAS INFLUÊNCIA NO POVOAMENTO DA ZONA
SUL-PROJEÇÃO SOCIAL E ECONÔMICA- COMO FORAM VISTAS POR SAIN
HILAIRE, DEBRET .HERBERT SMITH-ULTIMOS VESTIGIOS**



Major Claudio Moreira Bento

O presente artigo foi minha primeira participação como articulista sobre História, no caso da Zona Sul, e servindo de meu intermediário com o Diário Popular, meu conterrâneo, primo irmão e irmão de Armas, o Major de Infantaria Ângelo Pires Moreira, historiador de Pelotas e tradicionalista gaúcho que então presidia a UNIÃO GAÚCHA JOÃO SIMÕES LOPES NETO, personagem do qual foi um de seus biógrafos, Jornal onde de 13 de Março de 1970 a 31 de agosto de 1996, servindo no IV Exército no Recife-PE, no Estado-Maior do Exército, no Departamento de Engenharia e Comunicações em Brasília, no II Exército em São Paulo, na Academia Militar das Agulhas (como instrutor de História Militar) e a seguir no Comando do 4º Batalhão de Engenharia de Combate em Itajubá-MG, na 1ª Região Militar e Chefia do Arquivo Histórico do Exército no Rio de Janeiro e mais 6 na Reserva, em Resende, publicamos mais de 126 matérias, cabendo destacar a Edição Histórica, comemorativa dos 95 anos do Diário Popular e Sesquicentenário da Revolução Farroupilha, com 24 páginas e 35 ilustrações. E para isto o apoio e incentivo que nunca me faltou do Editor do Jornal

Clayr Lobo Rochefort, natural de Piratini que sempre me enviava o jornal para onde eu estava servindo. Colecionei a maioria dos recortes dos quais digitalizei grande parte e os coloquei em meu site www.ahimtb.org.br criado e administrado por meu filho Capitão de Mar - e - Guerra Carlos Norberto Sumpf Bento, hoje historiador naval e professor de Navegação da Escola Naval.

Eis o artigo restaurado e publicado há 49 anos.

José Pinto Martíns, natural do Ceará, fundou a indústria saladeril no Rio Grande do Sul, instalando-se cerca de uma légua da foz do rio Pelotas, próximo a local já habitado por alguns casais açorianos.

As primeiras charqueadas preparavam a denominada 'carne seca', segundo técnica trazida do Ceará, posteriormente os franceses João Batista Roux e Eugene- Sasques, introduziram a técnica do preparo do charque bem diferente da primeira e que veio a ter grande aceitação e procura nos mercados nacionais e internacionais, tornando-se o atrativo econômico da área, o que veio proporcionar a Pelotas, por longos anos, grande projeção econômica, cultural, social e política, na zona Sul do Rio Grande do Sul.

A proliferação das charqueadas de Pelotas, em consequência de uma imprevista demanda dos mercados consumidores, foi o fator determinante da corrida pela estância própria na área, ocasionando o rápido povoamento da Zona Sul, por futuros estancieros e fazendeiros que para lá se dirigiram para fundarem suas estâncias e fazendas, com o gado nelas produzidos, abastecerem as charqueadas pelotenses, que dia a dia tornavam-se mais ávidas de matéria prima.

Em consequência deste evento, Canguçu e outros municípios vizinhos durante os próximos 23 anos, dada a proximidade das charqueadas e consequente valorização do seu gado, conheceram períodos dos mais progressistas de sua história, atraindo para suas terras, inúmeras famílias ilustres que de lá partiram em grande número, a partir de 1801, para disputarem melhores campos de criação, nas terras conquistadas pelos portugueses no sul dos rios IBÍCUI e PIRATINI e nos Sete Povos das Missões.

Antes do estabelecimento das charqueadas em Pelotas, o gado era utilizado para o consumo local e, com esta finalidade abatiam-se as reses mais novas e mais gordas, as demais eram sacrificadas, unicamente com a finalidade do aproveitamento do couro, com boa cotação no mercado internacional e cujo monopólio havia sido exercido por muito tempo pela coroa espanhola.

O restante da rez, era perdido e deixado no meio do campo para servir de pasto, aos cães e corvos, Nos dias atuais, houve uma completa inversão, a carne e todos os subprodutos de origem bovina valorizaram-se bastante e o couro, em consequência dos plásticos e fibras sintéticas, teve seu preço aviltado..Uma visão do que foram as charqueadas em seu início nos é transmitida pelo célebre pintor francês João Batista Debret, através: de pinturas que realizou em Pelotas em 1823, por ocasião de sua passagem pelo local. Originais dessas pinturas as admirei, quando aluno da Escola de Comando e Estado Maior do Exército 1967/1969, na Fundação Castro Maia, na Floresta da Tijuca no Rio de Janeiro. Numa de suas pinturas fixa uma charqueada as margens do rio Pelotas, com admirável riqueza de detalhes de todas as operações necessárias à fabricação do charque. Operações estas que tentarei descrever ao leitor interessado. Trata-se de uma área de cerca 100x200 metros, cujo lado maior era apoiado no rio Pelotas.. A área era atravessada transversalmente por uma profunda vala que possuía em seu meio um pontilhão..Por esta vala escorria o sangue das reses abatidas, desde um

galpão de matança, situado em posição central, do lado oposto ao do rio Pelotas, o qual por sua vez era ligado a uma mangueira, onde aguardavam as reses a serem abatidas.. Um pouco mais a frente do galpão de abate encontrava-se outro galpão com enorme tacho de água fervente destinado a retirar a gracha dos ossos..Ao norte da vala situavam-se separadas por um corredor, dois conjuntos com 10 fileiras de varais, destinados a secagem ao sol do 'charque em fabricação e do sebo retirado da carne.Cada varal era dividido em 13 espaços e cada espaço era ocupado pela carne e sebo proveniente de uma rez, o que permitia o processamento simultâneo do charque de 230 animais. Ao sul da vala, entendia-se :ampla área, onde escravos encarregavam-se do estaqueamento para- secagem ao sol, de diversos couros.Bem ao norte, ao fundo do estabelecimento, situava-se enorme depósito, presumivelmente destinado à administração, depósito de sal, charque produzido ou charque em produção, empilhado, aguardando bom tempo para a secagem. Esta charqueada como as demais era toda a base da mão de obra escrava, e assim também observaria Herbert Smith em 1882.Em outra pintura, Debret fixou o flagrante de outra. Charqueada menos aperfeiçoada de Pelotas, na qual a matança se processava no interior de uma enorme mangueira.-Nesta pintura, vê-se índios civilizados a cavalo, laçando o animal, enquanto outros tendo em mãos uma enorme vara, com uma meia lua de metal cortante (garrucho),seccionavam o nervo da perna trazeira do boi (desgarronamento) fazendo-o cair a solo imobilizado.Nesta situação, um escravo desmontado e portador de enorme faca, corria em direção a o animal! para dar-lhe o golpe mortal no coração (sangramento) e, entregar-se, pressuroso a faina de carneação, com o animal muitas vezes 'ainda com vida.Estes índios charruas civilizados foram atraídos em grande número para Pelotas com o advento das charqueadas e por muitos anos integraram a paisagem pelotense.

Em VOYAGE PITTORESQUE AU BRESIL de Debret, consta a pintura **Barque brasieliene faite avec cuir de boef**, com algumas diferenças da existente na Fundação Castro Maya., o que em resumo retratavam as célebres pelotas que deram o nome ao rio e a cidade de Pelotas. Nesta última , vê-se uma pelota em cujo interior viajava um senhor, sendo rebocado com uma corda presa aos dentes por um escravo nadando.Estas pelotas também foram descritas por Augusto Saint Hilaire era sua **Vovage au Riu Grand du Sud**, na qual também refere-se entre outras coisas, às 18 charqueadas pelotenses, escravidão em Pelotas, além de transcrever,-interessantes dados de exportação pelo porto de Rio Grande que lhe foram oferecidas por Gonçalves Chaves, em cuja casa à beira do rio Pelotas esteve hospedado.Estas embarcações antes mesmo de Pelotas, tiveram largo uso no Brasil, tendo o próprio Marechal Rondon, posteriormente, feito largo uso das mesmas, no Brasil Central..Elas tinham capacidade para Somente uma pessoa, devido a sua pouca:-estabilidade, eram muito sujeitas a naufrágios, sendo numerosos os casos fatais de afogamento em consequência de viradas inesperadas.:Ao retornar do Brasil, Debret publicou em Paris ,VIAGEM F PITORESCA E HISTÓRICA AO BRASIL, na qual refere-se- ao charque e as charqueadas pelotenses. Sobre o charque assim escreveu. A carne-seca (viande seche) é uma alimento de primeira necessidade no Brasil. E e preparada na província do Rio Grande do Sul, geralmente afamada peia reunião de suas numerosas charqueadas situadas em sua maior parte, sobre a margem esquerda do Rio de San-´Gonzales (São Gonçalo), rio que facilita a exportação considerável deste comestível, realizada por hiates, e sumacas. e pequenas embarcações de cabotagem, utilizadas no aproveitamento dos portos do Brasil e do Chile. A seguir -refere-se ao couro: 'O comércio de couros de bois não deixa de ser outro grande negócio para o charqueador do Rio Grande do Sul, estabelecido numa província privilegiada. com uma variedade gigantesca de bois, onde somente seus enormes chifres e cabelos da cola, por si só constituem um ramo de negócio explorado por comerciantes franceses,

Nota. Canguçu com destino as Charqueadas de Pelotas. As tropas não atravessavam a vila de Canguçu. A contornavam pela Estrada das Tropas, que passavam pelo local onde hoje a

Aeronáutica possui seus radares. Na região da Lacerda .ainda existem dois manguéirões que em termo de Tropas para as charqueadas era um parada três estrelas, onde os tropeiros deixavam o gado sem o perigo de estouros e iam ate a vila para satisfazer suas necessidades e o padeiro Lacerda explorava o mangueirão da Lacerda e o fornecimento de pão aos tropeiros. O estancieiros e fazendeiros de Canguçu tiravam mais vantagem, pois seus estabelecimentos pastoris ficavam m bem mais próximo das charqueadas do que os do Alto da Serra e Missões que por ali passavam .Grandes estancieiros criaram casas enormes, como os Piegas que construíram os atuais palacetes da Casa da Cultura e Clube Harmonia. O sobrado ao lado da igreja Matriz pertenceu a família Cruz. O enorme prédio no local onde esta instalada a Prefeitura pertenceu a uma rica fazendeira bem como a casa do atual Cartório Bento, onde nasci e me criei. E também o casarão onde residiu a família Nascimento Sedrez. A revolução de 93 provocou a migração de famílias com tradição monarquista e deixaram suas casa no abandono .Na rua que da acesso ao CFENSA, existia uma casa e anexo a qual existia uma ferraria e marcenaria que fabricava carros e carruagens que tropeiros encomendavam e de retorno das charqueadas a levavam para Cima da Serra ou Missões. E nesta Ferraria e Marcenaria, um pouco acima existiam casas para abrigar os operários especializados.A memória destes tempos perdeu-se. Soube de um caso que registrei na **Revista da ACANDHIS dos 200 anos de Canguçu.**

Ficou muito conhecido no itinerário das tropas, o seguinte fato envolvendo um fazendeiro de Canguçu por sua honestidade exemplar.

Era comum o extravio de animais durante uma tropeada. Para não atrasar os deixavam para trás,para posterior recolhimento, deixando as informações de suas características. Naquele tempo o "**alheio era sagrado!**"Um velho tropeiro costumava contar que outro seu amigo .extraviava umas vacas gordas numas grotas entre Canguçu e Morro Redondo.Com pressa,tocou para frente para Pelotas e não mais soube notícias das vacas extraviadas.

Passaram-se os anos. Um dia um tropeiro seu amigo notou numa ponta de reses a marca de um fazendeiro de Cruz Alta, há 50 léguas dali.Resolveu investigar e rumou para a fazenda a qual aquele rebanho pertencia. Foi muito bem recebido! E indagou do fazendeiro o significado daquela porção de vacuns com marcas do estancieiro de Cruz Alta . E conversa vai ,conversa vem, o fazendeiro de Canguçu puchou um caderninho do bolso e explicou:

"Em tal dia do ano tal, encontrei tantas vacas alheias em meu campo. Como não apareceu ninguém para reclamá-las, juntei-as com o meu gado."

E toda produção das vacas alheias estava apontada no caderninho: Terneiros nascidos, machos e fêmeas, reses mortas, gado vendido, despesa com sal, custeio, pastagem etc. Enfim , tudo explicadinho, inclusive os gastos com uma marca do estancieiro de Cruz Alta ,para distingui-lo do seu gado.O fazendeiro de Cruz Alta um dia apareceu e saiu dali com uma ponta de gado rumo as Charqueadas e com um bom saldo em dinheiro, graças a honestidade exemplar do estancieiro de Canguçu.Esta história é verídica perdeu-se o nome dos personagens Lamentável..

Este assunto também abordo em artigo Canguçu no tempo áureo das tropas para as charqueadas de Pelotas 1870-1893 na **Revista dos 200 de Canguçu** p. 157/161 que vale a pena recordar

iR